

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM ENSINO NA EDUCAÇÃO BÁSICA

ROSANA SABORIDO BONIFÁCIO MOURA

A FORMAÇÃO DO LEITOR: A PRÁTICA DA LEITURA NA SALA DE AULA

Congonhas - MG

2012

ROSANA SABORIDO BONIFÁCIO MOURA

A FORMAÇÃO DO LEITOR: A PRÁTICA DA LEITURA NA SALA DE AULA

Trabalho de conclusão apresentado ao Curso de Pós-Graduação Lato Sensu em Docência na Educação Básica da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Língua Portuguesa e Literatura.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Novais

Congonhas - MG

2012

DE ROSANA SABORIDO BONIFÁCIO MOURA

A FORMAÇÃO DO LEITOR: A PRÁTICA DA LEITURA NA SALA DE AULA

Monografia apresentada à banca examinadora do Curso de Pós-Graduação Lato Sensu em Docência na Educação Básica da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Língua Portuguesa e Literatura, sob a orientação do Prof. Dr. Carlos Novais.

RESULTADO

... provada em de de 2012.

BANCA EXAMINADORA

Carlos Novais – Faculdade de Educação da UFMG

Gilcinei Teodoro Carvalho – Faculdade de Educação da UFMG

Avaliador.

RESUMO

Neste trabalho, realizou-se uma pesquisa a respeito da formação do leitor e da prática da leitura em sala de aula com alunos do 9º ano do Ensino Fundamental da Escola Estadual Lamartine de Freitas, em Congonhas - MG. Por meio de entrevistas com a professora regente de Língua Portuguesa e com os alunos constatou-se que as práticas pedagógicas utilizadas estão sendo ampliadas, buscando a melhoria de desempenho no processo ensino-aprendizagem, uma vez que o conhecimento adquirido por meio da leitura, sempre foi fundamental para que o indivíduo seja um agente transformador na sociedade em que está inserido e a importância de uma boa alfabetização vem aumentando sua importância, sendo inerente a um bom desempenho social.

Palavras-chave: Alfabetização Funcional. Leitura. Formação do Leitor. Estratégias Pedagógicas.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	07
CAPÍTULO I – VISÕES DA LEITURA NA FORMAÇÃO DO LEITOR ..	10
CAPÍTULO II – VIVÊNCIAS DA LEITURA EM SALA DE AULA	17
2.1- O PONTO DE VISTA DOCENTE	17
2.2 – O PONTO DE VISTA DISCENTE	19
CAPÍTULO III – A BUSCA DA ALFABETIZAÇÃO FUNCIONAL PELA LEITURA	21
3.1- A INSTITUIÇÃO EDUCACIONAL E O PROFESSOR NO PROCESSO DE LEITURA	23
CAPÍTULO IV – PROJETOS NACIONAIS DE INCENTIVO A LEITURA	29
4.1- MINISTERIO DA CULTURA	29
4.2- MINISTERIO DA EDUCAÇÃO	33
CONSIDERAÇÕES FINAIS	36
REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS	38
ANEXOS	40
ANEXO I – ROTEIRO DE QUESTÕES PARA A REALIZAÇÃO DA ENTREVISTA COM PROFESSOR(A) DA SÉRIE OBSERVADA	40
ANEXO II – ROTEIRO DE QUESTÕES PARA A REALIZAÇÃO DA ENTREVISTA COM OS(AS) ALUNOS(AS) DA SÉRIE OBSERVADA	41

*“Ler pode ser uma fonte de alegria”, Rubem Alves (2000, p.26) e
“o interesse pela leitura se cria, se suscita, se educa”, Solé (1998, p.27).*

INTRODUÇÃO

Com intensidade, tem-se discutido sobre a importância da leitura na escola, na busca da melhoria da funcionalidade, ou seja, de que o aluno leia e interprete diferentes tipos de texto e interaja com o mundo que eles despertam, porém, percebe-se que inúmeras dificuldades ainda têm sido encontradas, no âmbito escolar, principalmente, no setor público, para a efetivação de práticas de leitura que possibilitem a formação de um bom aluno-leitor.

A leitura pode ser uma atividade lúdica, tornando mais agradável a sua prática, no intuito de leitores críticos e participativos. Faz-se necessário que o educador abra espaço para a criança ocupar-se da leitura por vontade própria, e para isso deve fazer parte do cotidiano da criança visitar a biblioteca e escolher seus livros sem estar condicionada ao ritmo, frequência e critérios dos adultos. É preciso que o professor compreenda a sala de aula como um espaço discursivo e interativo, enfatizando a leitura como um momento no qual os alunos tenham a oportunidade de exercer sua identidade de leitor.

A leitura é um aprendizado permanente, cuja prática sempre traz experiências novas, não só porque possibilita a reconstrução e integração de certas mensagens, mas, sobretudo, porque é através dela que se exercita o conhecimento, e se estabelece relação entre a fala e a escrita.

A maioria dos alunos vem de famílias onde a prática da leitura não é corriqueira, como seria de se esperar, num mundo cheio de jornais, revistas, e agora com a internet. A televisão e o rádio também são veículos de notícias e aprendizagens variadas, sendo em ambientes, os únicos. Não adianta impor a leitura, como se esse hábito fosse adquirido de imediato aos primeiros atos. Cabe ao professor criar situações mais envolventes que despertem o gosto pela leitura. Quando se pretende formar leitores, o educador deve estar disposto a criar expectativas de leituras, antecipar sentidos, mudar, transformar, adaptar e enriquecer a sua prática educativa. O próprio interesse e envolvimento do professor com a leitura servem como modelo indispensável: ninguém ensina bem uma criança a ler com prazer se ela não se interessa pela leitura.

A escola tem de estar envolvida para formar bons leitores e escritores, sendo um agente influenciador no gosto pela leitura e pelo conhecimento, proporcionando em seu espaço um ambiente propício, capaz de formar sujeitos com senso crítico, não deixando serem influenciados por ideologias vãs.

Este trabalho busca conhecer as estratégias utilizadas pela professora de uma turma do 9º ano do Ensino Fundamental da Escola Estadual Lamartine de Freitas, em Congonhas – MG, durante o ano corrente, para despertar nos alunos o gosto pela leitura.

A metodologia utilizada foi mista: um trabalho de campo, através da distribuição, coleta e análise de respostas, através de dois questionários, um para a professora regente de Língua Portuguesa da turma e outro para os alunos, buscando compreender a percepção dos sujeitos envolvidos a respeito da prática da leitura em classe; e, uma pesquisa bibliográfica sobre a deficiência e a proeficiência no trabalho com a leitura e o resultado de experiências obtidas por educadores, transcritas em livros por especialistas.

A escolha do tema se justifica pela realidade social, herdada da industrialização e urbanização crescentes e expansão dos meios de comunicação, que provocaram novas demandas e necessidades no ensino, tornando ultrapassados alguns métodos e conteúdos tradicionais.

Os índices brasileiros de evasão e repetência, e ainda, de analfabetismo funcional, são inaceitáveis mesmo em comparação com países mais pobres. O eixo desta discussão no Ensino Fundamental centra-se, principalmente, no domínio da leitura e da escrita pelos alunos, condição primordial para que consigam prosseguir.

A leitura é uma atividade essencial para o indivíduo. Através dela é possível obter conhecimento, conhecer os seus direitos e praticar a cidadania, mas apesar do valor da leitura, o que se observa, em muitos casos, na sala de aula, é um desinteresse dos alunos por essa prática, por considerarem que a leitura é cansativa, sem propósito, e acabam por não realizar as atividades propostas, havendo necessidade de propor novas atividades que possam motivar o aluno a leitura, compreendendo o valor dessa prática não só para a aprendizagem, mas também para o seu crescimento pessoal.

O objetivo geral é investigar as iniciativas que possam despertar nos alunos o prazer da leitura. Para tanto, pretende-se: identificar os procedimentos de leitura dentro de sala de aula, na sua adequação à formação do leitor; descrever as práticas de leitura as práticas observadas desenvolvidas pela professora do 9º ano do Ensino Fundamental da Escola Estadual Lamartine de Freitas, em Congonhas; analisar sua proficiência; sugerir alternativas

para a melhoria da aprendizagem; ampliar visão de mundos; inserir os alunos na chamada cultura letrada; estimular o desejo de outras leituras.

Para coleta de dados, além da mostra da Lamartine de Freitas, optou-se pela busca bibliográfica de literatura especializada, com experiências de outros educadores, alunos e especialistas da educação sobre a prática da leitura, a saber.

O primeiro capítulo traz várias visões sobre a leitura e a formação do leitor, a partir de Ezequiel Theodoro da Silva, Luciene Perini, Luciana Virgínia Amorim de Souza, Magda Soares, Jaqueline da Silva Alencar; Maria Rosa de Almeida; Joelma Melo de Araújo, Izabel Cristina Ferreira dos Santos Matos, José Morais.

A pesquisa de campo realizada é tema do segundo capítulo que traz o relato de experiências sobre a leitura e o livro em sala de aula.

O terceiro capítulo trata da busca da alfabetização funcional pela leitura, tema com citações dos autores: Ana Cristina dos Reis Cruz, Lopes Júnior, Mario Lugarino, Nilton Manuel, Marta Kohl de Oliveira, Luciene Perini, Cláudia Castellanos Pfeiffer, Ezequiel Theodoro da Silva.

Com base em informações do Ministério da Cultura e Ministério da Cultura relatamos alguns dos projetos em execução atualmente que incentivam e apoiam a leitura.

CAPÍTULO I – VISÕES DA LEITURA NA FORMAÇÃO DO LEITOR

O ato de ler hoje acontece em todos os lugares. Lê-se em casa, mas lê-se também nos bancos das praças, nas ruas, nos ônibus, no trabalho. Além de diversão, a leitura significa informação. Conforme destaca

Na sociedade moderna grande parte das atividades intelectuais e profissionais gira em torno da língua escrita. Ter o domínio da habilidade de leitura proficiente garante o exercício da cidadania, o acesso aos bens culturais e a inclusão social. SILVA (2011, p. 2)¹.

Dessa forma, Perini (2011, p. 1)² analisa que: “entre as atribuições da escola, ressalta-se a de fazer com que o aprendiz seja competente na leitura, na escrita e na fala”. Estudos e pesquisas encontrados na literatura sobre o tema abordado mostram que em muitas escolas a leitura em sala de aula tem sido apresentada ao aluno como uma atividade obrigatória e não prazerosa, o que compromete o sucesso do processo de ensino e aprendizagem. De fato, segundo Souza (2010, p.4)³, “a leitura na escola é vista como mais um item a ser incorporado nas aulas de português, tornando-se algo chato e obrigatório e que não condiciona, na maioria das vezes, ao aprendizado que realmente traz”.

O ato de ler se desenvolve em um processo dinâmico e ativo, ou seja, ler um texto significa não só compreender o seu significado, mas também confrontar o texto com a experiência e visão de mundo do leitor. Afinal, conforme reflete Soares (1988)⁴, a leitura não é um ato solitário e isolado dos problemas sociais.

O leitor crítico é o indivíduo capaz de fazer uma leitura do mundo que o cerca, de seu tempo, de sua história contextualizada, capaz de reler a mensagem, alcançar o intertexto, a metalinguagem. A formação de leitores críticos permite vislumbrar uma sociedade com

¹ SILVA, Ezequiel Theodoro da. Letramento Manco. Faculdade de Educação. Campinas: Unicamp, 2001.

² PERINI, Luciene. Poetizar: uma prática inovadora no incentivo à leitura e à escrita. Disponível em <http://www.alb.com.br/arquivo-morto/edicoes_anteriores/anais14/Sem03/C03028.doc> Acesso em 02/05/2012

³ SOUZA, Luciana Virgínia Amorim de. Leitura no ambiente escolar: do incentivo à prática. In: Colóquio Internacional Educação e Contemporaneidade, 4, 2010, Laranjeiras. Disponível em URL: <http://www.educonufs.com.br/ivcoloquio/eixo_10/E10-12a.pdf.pdf> Acesso em 02/05/2012.

⁴ SOARES, Magda (1). Leitura – perspectivas interdisciplinares. São Paulo: Ática, 1988.

possibilidades concretas de libertar-se de ideologias de dominação, do subjugo, da exploração, da expropriação.

A leitura tem a sua importância no momento em que contribui trazendo ao aluno-leitor um mundo de fantasia e imaginação ampliando o seu senso crítico e despertando o prazer de ler em construir o mundo de conhecimento, reflexões e aprendizado. Gostar de ler proporciona ao aluno-leitor usufruir do prazer da imaginação e das mais variadas formas de vivenciar a leitura e assim busca entender qual o objetivo final do livro, como se expressam as palavras, os pensamentos, a criatividade, e entender o sentido que está por trás das ideias do escritor. SOUZA (2010, p.1)⁵

O aluno precisa formular hipóteses realçar emoções e interagir com o texto, conciliando-o com suas expectativas. Assim, a leitura se constrói em um processo de autoconstrução e confronto e na interação do aluno com o seu meio. Conforme analisa Perini (2011, p. 5) para que o aluno desenvolva suas capacidades de leitura “faz-se necessário que o educador forneça oportunidades de manipulação, organização e análise de diversos gêneros textuais com o objetivo de abstrair toda a sua essência para a construção do conhecimento”. A análise a seguir completa essa linha de raciocínio ao afirmar que:

Não podemos nos referir à leitura como um ato mecânico sem a preocupação de buscar significados. Desse modo, é necessário que dentro do ambiente escolar o professor faça a mediação entre o trabalho e o aluno, para que assim sejam criadas situações onde o aluno seja capaz de realizar sua própria leitura, concordando ou discordando e ainda fazendo uma leitura crítica do que lhe foi apresentado. (SOARES, 2010, p. 2)⁶.

Por isso é essencial que as práticas de leitura em sala de aula incentivem a participação do aluno e não simplesmente uma leitura passiva de textos e obras exigidas pelo professor, conforme descrito a seguir:

O professor deve indicar a leitura de livros prazerosos e deixar que os alunos escolham seus próprios livros, são meios que lhes ajudarão a ampliar suas ideias e conhecimentos a respeito do assunto abordado, oferecendo uma variedade de livros para seus alunos lerem, garantindo-lhes o aprendizado na sua vida escolar. (SOUZA, 2010, p. 3)⁷.

O professor deve atentar para sua responsabilidade em transformar a prática da leitura em sala de aula, diferenciando dos modelos tradicionais por criar e orientar. Segundo Alencar,

⁵ SOUZA, Luciana Virginia Amorim de. Leitura no ambiente escolar: do incentivo à prática. In: Colóquio Internacional Educação e Contemporaneidade, 4, 2010, Laranjeiras. Disponível em URL: <http://www.educonufs.com.br/ivcoloquio/eixo_10/E10-12a.pdf.pdf> Acesso em 02/05/2012.

⁶ Cit. Ant.

⁷ Cit. Ant.

Almeida, Araújo (2011, p.6)⁸, “interesses e esforços, apontar caminhos em relação à prática da leitura, construindo-o como pessoa e cidadão esclarecido, crítico e exigente em relação à sociedade em que quer viver.”

Mudanças na prática pedagógica adotada pelo educador possibilitam ao aluno uma interação com o texto, compreendendo a leitura como um ato de descoberta e transformação.

É preciso trabalhar em sala de aula promovendo o gosto e o prazer pela leitura. Para tanto, é essencial que primeiramente o professor se conscientize quanto ao papel ativo da leitura não só na aprendizagem, mas também na formação da cidadania do aluno, para, a partir daí, promover e implantar metodologias construtivas e significativas nesse aspecto.

A prática de leitura permite sonhar, encarar medos, vencer ansiedade, desenvolver a fantasia, viver outras vidas, e, além disso, nos dá acesso a uma parte da herança cultural da humanidade. E nos auxilia no desenvolvimento da escrita. Por isso é que o livro deveria estar tão incorporado à vida das pessoas, assim como o exercício de respirar, que é tão natural e vital à vida. Ler pode ser uma fonte de alegria que produz prazer ou perturbações no corpo e na alma, é um benefício que demanda arte e sensibilidade. (MATOS, 2007)⁹

Tanto a leitura informativa quanto a leitura literária precisam do estímulo da escola. Se essa por sua vez ficar limitando-se as apostilas, as anotações ou ao livro didático é pouco ou muito pouco. É preciso que os alunos vejam a leitura com os olhos do prazer, respondendo às perguntas e às necessidades de cada um. Segundo Moraes (1996, p. 293 – 294)¹⁰:

Ler é nutrir-se, respirar. É também voar. Ensinar a leitura é ao mesmo tempo formar a criança para uma técnica de vôo, revelar-lhe esse prazer e permitir-lhe que o mantenha. Se não gostasse de voar, os pássaros deixariam cair suas asas e praticariam a corrida a pé. Mas, nos pássaros e nos homens o prazer dos atos naturais está nos genes. Em compensação o prazer da leitura é criação nossa. Esse prazer, portanto, é de nossa responsabilidade, tanto quando a própria leitura.

Vive-se em uma sociedade que pouco valoriza e desenvolve práticas de leitura. O mundo do trabalho e outras formas de lazer são buscados, em nossa região, como forma de ocupação das pessoas, não se atribuindo o valor e a importância que a leitura deveria ter como possibilidade de conhecimento, entretenimento e prazer.

A importância dada à leitura e a sua necessidade têm-se tornado consenso na sociedade. É notório o papel relevante que o ato de ler assume no mundo moderno. Porém, para muitos, isso não se efetiva na prática. Os cidadãos, em sua grande maioria, lêem muito

⁸ ALENCAR, Jaqueline da Silva; ALMEIDA, Maria Rosa de; ARAÚJO, Joelma Melo de. Incentivo, aperfeiçoamento e desenvolvimento da leitura: relatos e vivências da articulação conexões-abertas. Disponível: <<http://www.ie.ufmt.br/semiedu2009/gts/gt16/ComunicacaoOral/JAQUELINE%20DA%20SILVA%20ALENCAR.pdf>>. Acesso em 08/05/2012.

⁹ MATOS, Izabel Cristina Ferreira dos Santos. Lendo por Prazer. Monografia apresentada, para obtenção do título de graduação em Pedagogia à Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC. Ilhéus-Bahia: 2007.

¹⁰ MORAIS, José. A arte de ler. Tradução Álvaro Lorencini. São Paulo: Universidade Estadual Paulista, 1996.

pouco. Os alunos, segundo os próprios professores, não lêem. Restam alguns questionamentos: A quem caberia a responsabilidade, no âmbito escolar, na formação de um aluno-leitor? Por que ele não se torna um leitor? E os professores são de fato leitores?

A prática da leitura e a formação do leitor são tarefas que, mesmo que não exclusivas, são de responsabilidade da escola e conseqüentemente do professor, ou seja, faz-se necessário desenvolvê-las ao longo da escolarização dos alunos.

Segundo Soares (1998, p. 128)¹¹: “Ninguém nasce sabendo ler: aprende-se a ler à medida que se vive. Ler livros geralmente se aprende nos bancos da escola, outras leituras se aprendem por aí, nas chamadas escolas da vida”.

O gosto natural pela leitura está essencialmente ligado aos estímulos que desde muito cedo se proporcionam à criança. O contexto familiar é de grande importância. Crescer no meio de livros e ver, à sua volta, as pessoas lerem pode ser um excelente início na formação de um leitor, mas à escola cabe um papel primordial no desenvolver de atividades de reforço e/ou iniciação ao gosto pela leitura.

Segundo Matos (2007)¹², é preciso, então, um professor leitor, que compartilhe com seus alunos o passaporte imprevisível e maravilhoso dos livros. Ele precisa conhecer a natureza da literatura, as obras, os autores, que saibam selecionar textos e tenham se apropriado do conhecimento para estabelecer, com os alunos, as relações possíveis.

De acordo com Kleiman (1995)¹³, “para formar leitores, devemos ter paixão pela leitura”. Sendo assim, o professor precisa ser antes de tudo ser um leitor. Um professor que não tem prazer em ler, jamais trabalhará bem com a leitura. Sabe-se que as crianças aprendem muito mais através do exemplo, de um modelo a ser seguido, do que através da instrução. Por tanto, torna-se difícil acreditar que seja possível alguém que não tenha descoberto a paixão pela leitura poder efetivamente contribuir para formação de um sujeito-leitor.

Ler diariamente com os alunos é uma atividade imprescindível para cultivar o prazer pela leitura. A leitura compartilhada em voz alta pelo professor incentiva o interesse, o gosto de ler. Lendo diversos gêneros e portadores textuais, ouvindo contos, notícias, poemas, textos informativos, histórias em quadrinhos é que oportunizaremos o acesso a tudo o que a escrita e a leitura representa, dentro e fora da escola. Ou seja, os alunos precisam saber que lemos por diferentes razões e que não lemos todos os textos da mesma forma. A leitura deve ocupar o horário “nobre” da aula. (MATOS, 2007)¹⁴

¹¹ SOARES, Magda (1). *Leitura – perspectivas interdisciplinares*. São Paulo: Ática, 1988.

¹² MATOS, Izabel Cristina Ferreira dos Santos. *Lendo por Prazer*. Monografia apresentada, para obtenção do título de graduação em Pedagogia à Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC. Ilhéus-Bahia: 2007.

¹³ KLEIMAN, Ângela. *Oficina de leitura: teoria e prática*. Campinas, SP: Pontes: Editora da UNICAMP, 1998.

¹⁴ Cit. Ant.

Segundo Matos (2007)¹⁵, a leitura deve fazer parte do cotidiano. Lê-se para ampliar os limites do próprio conhecimento, para obter informações simples e complexas, para buscar diversão e descontração, que começa no lar e continua na escola. É necessário ler... Ler é decodificar mensagens, é dar respostas a sinais gráficos, é extrair novas idéias é interagir. Escasseiam-se as idéias, se as imagens não ocorrem se permanece frio o sentimento, o ato da leitura permitirá o despertar da inteligência e o livre voo da imaginação.

Para Villardi (2006)¹⁶, habituar o aluno a ler se tem mostrado inocente, insuficiente para que se forme um cidadão capaz de incorporar à leitura as atividades de seu cotidiano. Isso só ocorre quando a leitura é vista não como o cumprimento de um dever, mas como um espaço privilegiado, a partir do qual tanto é possível refletir o mundo, quanto afastar-se dele, um espaço no qual é possível encontrar aquilo que a vida nos nega, quer sob a perspectiva da realidade, quer sob a da fantasia. E para que isso ocorra, para que se forme um leitor para toda a vida, o hábito, por si só, não chega. Há que se desenvolver o prazer pela leitura.

Formar um leitor supõe formar alguém que compreenda o que lê, pois ler não é simplesmente decodificar, converter letras e sons. Ler é algo que requer condições favoráveis à prática de leitura. (MATOS, 2007)¹⁷

Na atualidade, o desafio do professor é entender a leitura e entender o que é ensiná-la, bem como falar sobre ela e também ser um leitor que sente prazer nessa prática. A partir daí ele poderá contribuir mediando e incentivando o aluno a sentir prazer em ler, mas para isso é preciso que a escola trabalhe com diferentes tipos de leitura, principalmente quando os alunos não têm contato com bons materiais de leitura e com adultos leitores.

Para Solé (1998)¹⁸, ensinar as crianças a gostarem de ler, seduzi-las para as emoções da leitura de lazer e prazer, trata-se de tarefa essencial de um educador. Ler é uma atividade voluntária e prazerosa; crianças e educadores devem estar motivados a aprender e ensinar a ler. É difícil para alguém, que não sinta prazer com a leitura construir esse hábito com os demais. Ela também afirma em sua obra que é muito importante que a criança veja que seus educadores e pessoas importantes para ela valorizam, usam e desfrutam da leitura.

Sendo assim, é preciso que o professor estabeleça com os livros uma relação, como também um trabalho integrado com toda a equipe escolar, tendo objetivos claros. O professor deve aproveitar as reuniões pedagógicas e momentos oportunos para se aproximar com

¹⁵ MATOS, Izabel Cristina Ferreira dos Santos. Lendo por Prazer. Monografia apresentada, para obtenção do título de graduação em Pedagogia à Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC. Ilhéus-Bahia: 2007

¹⁶ VILLARDI, Raquel. Ensinar a gostar de ler: discutindo estratégias na formação do leitor. Disponível em: <<http://www2.uerj.br/~leitura/artigos.htm>>. Acessado em 02/05/2012.

¹⁷ Cit. Ant.

¹⁸ SOLÉ, Isabel. Estratégias de leitura. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

sensibilidade e intimidade dos livros que compõem o acervo, deixando assim a paixão invadir, aumentar e contaminar todo o ambiente escolar. E só então os livros sairão das prateleiras, caixas e armários para as mãos ávidas dos leitores, mais extensivamente, pois a formação fiel de um público leitor no Brasil é mínima. Muitos só leem quando precisam por um concurso, um vestibular, a trabalho.

Segundo Matos (2007)¹⁹, o prazer pela leitura é despertado pelo entusiasmo do adulto que com a sua prática incentiva à criança a se aproximar dos livros. De acordo com o PCN's (1998), a leitura tem como objetivo formar leitores competentes e com isso a formação de escritores. Formar alguém que compreende o que ler é formar um leitor competente, pois assim ele será capaz de identificar elementos implícitos no texto relacionando esta leitura a outras já feitas.

A escola deve oferecer os textos do mundo, pois não possível formar bons leitores só com as leituras em sala de aulas, ou simplesmente com o livro didático, é preciso que o professor trabalhe com a diversidade textual, pois esta é a primeira e provavelmente a mais importante estratégia para formar leitores competentes. (MATOS, 2007)²⁰

Ainda Segundo Matos (2007)²¹, faz-se necessário superar a idéia de que ler é simplesmente transformar letras em sonho, sendo preciso oferecer aos alunos oportunidades de utilizar estratégias que bons leitores usam, no sentido de antecipar, inferir através dos conhecimentos prévios e verificar suas suposições.

A escola terá de mobilizar os alunos para que eles achem que a leitura é algo interessante e desafiador, e que quando conquistando plenamente dará autonomia e independência ajudando-os a tornarem-se bons leitores, de acordo com Matos (2007)²². É necessário torná-los confiantes para poder se desafiar a “aprender fazendo”. Para formar leitores é preciso condições favoráveis para prática da leitura, o uso que se faz dos livros e demais materiais impressos é o aspecto determinante para desenvolver o gosto pela leitura. São condições favoráveis para prática da leitura tais como:

- * A escola precisa ter uma boa biblioteca;
- * Dispor nos ciclos iniciais de um acervo de classe com livros e outros portadores textuais;
- * Organizar momentos de leitura livre no qual o professor também seja um leitor;

¹⁹ MATOS, Izabel Cristina Ferreira dos Santos. Lendo por Prazer. Monografia apresentada, para obtenção do título de graduação em Pedagogia à Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC. Ilhéus-Bahia: 2007

²⁰ Cit. Ant.

²¹ Cit. Ant.

²² Cit. Ant.

- * Planejar atividades onde a leitura tenha a mesma importância que as demais;
- * Não importunar os alunos durante a leitura perguntando o que estão achando e se estão entendendo;
- * Possibilitar ao aluno o empréstimo de livro da escola;
- * Construir na escola uma política de formação de leitores na qual todos possam contribuir dando sugestão.

Conforme Matos (2007)²³, são necessárias propostas didáticas, com liberdade de escolha, para formar leitores que sentem gosto pela leitura – leitura diária de forma silenciosa, individuais, em voz alta, quando fizer sentido dentro da atividade e pela escuta de alguém que lê, leitura colaborativa na qual o professor ler com a classe e faz questionamento ... ; os projetos de leitura são excelentes situações para contextualizar a necessidade de ler; a atividade seqüencial de leitura própria para desenvolver o gosto de ler é privilegiada para desenvolver atitudes e procedimentos que os leitores assíduos desenvolvem a partir da prática de leitura, tais como: atividade permanente de leitura como “Roda de Leitores” e a “Hora de...” (histórias, curiosidades científicas, notícias); leitura feita pelo professor, esse tipo de leitura serve para ampliar visão de mundos e inserir o leitor na chamada cultura letrada, estimular o desejo de outras leituras.

Para Cramer (2001, p.53)²⁴: “Ler por prazer é uma atividade extraordinária”. Sendo assim, é necessário que os professores procurem criar meios que ajudem o aluno a gostar de ler, pois caso isso não aconteça teremos um futuro de alunos que não gostarão de ler.

Segundo Matos (2007)²⁵, considerando que esse gosto se constrói através de um longo processo onde sujeitos desejam encontrar nela uma possibilidade de interlocução com o mundo, espera-se que o professor seja um agente fundamental na mediação entre alunos e material, um impulsionador e guia no sentido de um contato cada vez mais intenso e desafiador entre o leitor e a obra a ser lida. Para que isso se concretize, é necessário que o próprio professor se veja enquanto um sujeito-leitor, um sujeito que se sinta desafiado diante dos "objetos de leitura", diante das diferentes linguagens. Entretanto, o quadro que se configura traduz uma situação que demanda atitudes urgentes: por um lado, professores cada vez mais ameaçados em sua condição de sujeitos-leitores e de mediadores qualificados para o ensino de leitura; por outro, alunos que percebem a biblioteca como um ambiente estranho - muitas vezes ameaçador - e vivem a possibilidade de leitura em sua dimensão mais restrita.

²³ MATOS, Izabel Cristina Ferreira dos Santos. Lendo por Prazer. Monografia apresentada, para obtenção do título de graduação em Pedagogia à Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC. Ilhéus-Bahia: 2007

²⁴ CRAMER, Eugene H.; CASTLE, Marritta. Incentivando o amor pela leitura. Porto Alegre: Artmed, 2001.

²⁵ Cit. Ant.

CAPÍTULO II – VIVÊNCIAS DA LEITURA EM SALA DE AULA

O conteúdo desenvolvido nesse capítulo parte da pesquisa de campo realizada e a análise da vivência constatada tenta analisar a prática pedagógica da professora e o reflexo nos alunos a respeito à leitura em sala de aula e a formação de alunos que continuarão leitores, em uma classe do 9º ano do ensino fundamental da Escola Estadual Lamartine de Freitas, situada à Rua Raimundo Barbosa s/n, bairro Praia no município de Congonhas – MG.

2.1- O PONTO DE VISTA DOCENTE

Relativamente ao ponto de vista da professora sobre o aluno e a leitura, considerou-se que para ser um bom leitor, é preciso transformar a leitura em um hábito contínuo. Qualquer hora é hora para começar. Começar por livros fáceis e ir evoluindo gradativamente. O bom leitor é capaz de reproduzir a história lida e contagiar pessoas. Ele amplia seus próprios horizontes culturais e em seu entorno.

Perguntada sobre como se considerava como leitora, a professora respondeu que “Eu me considero um bom leitor porque a leitura me dá prazer sem contar com a aprendizagem adquirida. Gosto de ler vários gêneros: poemas, conto, crônica, romance. Ultimamente, tenho feito uma releitura dos clássicos da literatura brasileira. Livros de Psicologia, sobre o comportamento humano também me cativam”.

Da percepção da professora sobre o reflexo da leitura sobre o aluno, temos “Ler estimula o cérebro e aumenta a carga cultural do leitor. A prática tornará a leitura mais agradável e, quando menos esperar, os livros serão seus companheiros inseparáveis. Eles precisam iniciar a prática lendo o que gostam”. Sobre a iniciação à leitura, “acho que a melhor forma de o aluno entrar em contato com a leitura é o exemplo que pode vir de casa (incentivo da família), da escola (projeto desenvolvido pelas bibliotecárias) e, principalmente, pelo professor”.

Sobre o papel da escola como instituição no contato com a leitura e a interpretação dos textos, a professora diz: infelizmente acho que a escola como um todo não contribui muito. Não vejo nenhum projeto de leitura desenvolvido nem incentivo por parte das bibliotecárias. Algumas são despreparadas, não cumprem o seu papel nem gostam de atender aos alunos e professores quando precisam dela(s). A prática e o incentivo à leitura ficam somente a cargo do professor de Língua Portuguesa, então, esse será o professor leitor que terá grandes chances de fazer com que seu aluno leia e venha a ser um futuro leitor contínuo também.

Sobre as estratégias de trabalho da leitura no contexto escolar, a percepção do professor de português, literatura e redação é que a prática da leitura é o elemento central em torno do qual devem ser pensadas e organizadas as atividades de trabalho com a Língua Portuguesa. Ler faz parte das minhas aulas. A leitura de uma obra literária, por exemplo, é feita constantemente, ou seja, pelo menos um livro por etapa. A leitura de textos é feita diariamente. A literatura, ou seja, envolvimento do texto, autor e contexto histórico são trabalhados, pelo menos, duas vezes por semana.

Em relação à forma mais frequente de avaliação ou cobrança ao aluno do conteúdo adquirido pela leitura de livros, a professora revela que depois da leitura do livro sempre faço um debate com a turma sobre o assunto abordado permitindo e incentivando a participação de todos, trabalho escrito (resumo, questões de perguntas sobre os elementos da narrativa, exercícios escritos, dramatizações de partes do livro, atividades de escrever cartas ao autor ou personagem, entre outras), criação de vídeo sobre a história (ou parte de história).

Pelas respostas, percebe-se que a professora sente prazer em ler e contar histórias, ela afirma que contribui para que seus alunos desenvolvam o gosto pela leitura. A professora diz contribuir para que o aluno experimente o prazer pela leitura, sempre de forma contextualizada, usa de estratégias que realmente desenvolvam o gosto pela leitura propriamente dita. Observando sua rotina, porém, percebe-se que a professora não levou seus alunos uma vez sequer na biblioteca da escola. Vale ressaltar que é de suma importância a frequência dos alunos a biblioteca, pois propicia o contato dos alunos com o universo dos livros despertando o gosto pela leitura.

Na escola, a biblioteca se reveste de suma importância quando se comporta e atua como centro de trabalho integrado e dinâmico capaz de mobilizar alunos e professores à leitura para aprender a aprender, aprender para saber e saber para ter prazer. Porém, se ele como formador de leitores não mostra esse mundo vasto de mistérios, encantos e alegrias, que é o espaço de uma biblioteca, como formará bons leitores tanto para sua necessidade quanto para a sua vida. PAULA APUD LUCYR (2006).

Como mencionado pela professora em sua entrevista, a Escola Estadual Lamartine de Freitas não tem atualmente um projeto de leitura nem por parte dos professores e nem por parte da biblioteca, portanto, acredita-se que a professora compreende a necessidade de inserir em sua prática pedagógica métodos e técnicas que auxiliem os alunos a ter o gosto pela leitura. É essencial que a professora faça de seus alunos verdadeiros amantes da leitura. Diante do exposto, faz-se necessário uma reflexão por parte da professora no sentido de propor atividades de leitura adequando-as às necessidades de cada um.

2.2 – O PONTO DE VISTA DISCENTE

O gosto pela leitura não é intrínseco ao homem, mas pode ser cultivado à medida que o sujeito se constrói como leitor. Alves Apud Vidal (2006).

A partir de agora será analisado o resultado das entrevistas realizadas com 15 (quinze) alunos tendo como objetivo investigar se eles têm prazer em ler, e se a professora tem usado estratégias que despertam prazer pela leitura.

Ao perguntar aos alunos se é importante saber ler, 100% dos alunos entrevistados disseram que sim. Percebe-se que todos gostam de ler, tendo leitura com atividade prazerosa. Justificaram dizendo que a leitura favorece para ficarem bem informados, cinco responderam para adquirir novos conhecimentos, ideias e pensamentos, e cinco responderam que é fundamental para trabalhar e estudar.

Sobre os locais de leitura mais costumeiros, dez dos alunos, ou seja, 75% dos entrevistados responderam que costumam ler na escola, três responderam que leem em casa, um aluno respondeu que lia panfletos na rua e um respondeu ainda que lia dentro do ônibus.

A respeito do motivo da escolha de livros, quatro dos alunos entrevistados disseram que é por causa do título, quatro disseram que é pela capa, dois pelo assunto abordado, um por que o professor pediu, dois pela quantidade de páginas e dois quando alguém faz um comentário sobre o livro e que é muito bom e quatro não escolhem livros, só leem os que precisam.

Sobre a disponibilidade de livros em casa e de que tipo, três responderam livros didáticos, dois responderam livros infantis, três responderam livros de conhecimentos gerais, três responderam livros literários, dois responderam livros de romance, um respondeu livro de suspense e um respondeu livro de ação.

Em relação à escolaridade de seus pais ou pessoas adultas que moram em sua casa, assim como hábitos observados de leitura, observou-se que os pais têm estudo da 5ª série até o nível superior, tendo 4 (quatro) deles, cursado o primário, antiga primeira a quarta série, 6

(seis) deles completaram o primeiro grau, 3 (três) tem o segundo grau completo e 2 (dois) tem curso superior, um em educação, outro em direito, mas foi relatado que apenas duas mães têm o costume de ler em casa e entre os pais não foi informado, então subentende-se que não têm o costume de ler.

Dos comentários dos alunos entrevistados sobre os livros que lê e com quem, quatro dos alunos entrevistados responderam que não comentam com ninguém, sete responderam que comentam sobre o livro com seus colegas e quatro responderam que comentam com seus pais. Sobre tipos de livros e locais preferenciais de leitura, doze dos alunos entrevistados disseram que lêem o livro didático na sala de aula e apenas três disseram que lêem livros literários na biblioteca, nenhum mencionou uma leitura espontânea em casa, apenas os exigidos na escola.

Quando perguntado aos alunos entrevistados, você leva livros da escola para ler em casa e quando leva (é porque eles querem ou a professora manda), doze dos alunos entrevistados disseram que levam para ler em casa porque a professora pediu ou mandou, um dos alunos disse que porque gosta de ler e não precisa o professor pedir, um disse que, às vezes, leva para casa livros que o assunto interessou e um disse que nunca leva livros para casa, nem quando a professora pede, pois os livros escolhidos são muito chatos.

Sobre as atividades que os alunos fazem depois da leitura de livros e quais tipos, 10 (dez) dos alunos, ou seja, 75%, responderam que comentam sobre o livro e fazem exercícios de interpretação avaliativa e também que gostam deste tipo de atividade, já cinco disseram que não gostam e preferem fazer outra coisa.

A respeito do livro didático para estudo de Língua Portuguesa e os paradidáticos adotados pela professora, dez dos alunos disseram que tem facilidade de entendê-los, mas tem em pouco de dificuldade às questões propostas, três disseram que acham difícil de entender e tem dificuldades nas atividades propostas, dois dos alunos responderam que, as vezes, tem dificuldade tanto nos textos quanto nas atividades sobre interpretação e questões de gramática.

Enfim, resumindo, todos os alunos entrevistados afirmaram que gostam de ler, justificando que é para ficar bem informado, adquirir novos conhecimentos, para trabalhar e estudar. Na casa de todos os entrevistados existem livros de gêneros variados, mas seus pais não costumam ler, pois, dos quinze alunos entrevistados, apenas duas mães costumam ler. Pode-se perceber que a maioria dos alunos gosta de ler (não necessariamente o tipo de leitura exigida na escola), mas, muitas vezes, eles não entendem o texto e as atividades propostas devido a defasagens de aprendizagem em séries anteriores que não foram sanadas no momento oportuno; eles também consideram os textos disponibilizados pela professora de

fácil entendimento, destacando que têm dificuldades na resolução das atividades propostas para interpretação e gramática. Entretanto, todos ressaltam que novas estratégias de leitura tornariam as aulas mais produtivas e interessantes.

CAPÍTULO III – A BUSCA DA ALFABETIZAÇÃO FUNCIONAL PELA LEITURA

O ser humano é o sujeito da fala, disto ninguém duvida. Ele está asujeitado à linguagem falada, isto lhe é inerente – a não ser que tenha uma deficiência fonológica séria. Mas, o sujeito letrado, da leitura e da escrita [que também incidem numa melhoria da sua fala], este é construído através de aprendizagens vividas no contexto familiar, social, escolar, e, pela própria necessidade, que a vida lhe impõe, de ampliar suas possibilidades de comunicação. CRUZ (2004, p.3).

Parafraseando Cruz (2004, p. 2), o alfabetismo funcional, também conhecido como alto-letramento ou alfabetismo real, envolve situações do ensino de Língua Portuguesa como meio de aquisição de conhecimentos e melhoria da capacidade comunicativa: tentar vislumbrar como isso se processa e estabelecer fatos que o favorecem e perspectivas de familiarização da sua funcionalidade, ou seja, aplicações reais do trabalho com a leitura como fonte da interpretação dos mais variados tipos de texto e escrita. Em resumo, essa pesquisa objetiva dar sustentação à práxis do trabalho com a leitura, interpretação e escrita de textos em português, nos seus variados tipos de situação, inclusive no uso de tecnologias modernas, como uma das formas de potencializar o aluno para lidar com as estruturas sociais vigentes.

Quando se fala em escritor, fala-se em livro e quando se fala em livro, vem à mente falas eternas de educação, cultura e lazer. Na nossa vida de homens em constante construção de letramento, sabemos que cartilha hoje é coisa do passado. Sabemos que não mais procede a fala de que o poeta nasce feito, pois tudo acontece através da socialização. O letramento é interpretar conteúdos e produzir bem, é saber que linguagem se usa em qualquer situação. Aprendi a ler cedo. Li centenas de gibis, depois foto novelas. Foi no "jornal das moças" [de minha mãe] - que lia os versos de Luiz Otávio; no "Eu sei tudo" - as charadas poéticas de bons sonetistas; na revista O Cruzeiro [na coluna Garotas] extraí esta trova que foi para a Praça XV, em 1974, Garota tua bondade, tonteia qualquer parceiro. Pedaco de tempestade, no céu de rapaz solteiro; nos Arquivos Implacáveis - do João Condé, tive acesso a farto material de reportagem; e enriqueci meu vocabulário nas páginas das "Seleções". Os livros do Clube do Livro, por anos, fizeram parte da minha vida e, sempre lia e relia, na contracapa, os versos de Castro Alves. MANUEL (2003)²⁶.

²⁶ MANUEL. Nilton. Palestra: Os dias brasileiros do poeta e do livro. Publicação Institucional. Casa do Poeta . do Escritor. Ribeirão Preto, 25 de outubro de 2003.

Segundo Cruz (2004, p. 4)²⁷, os processos cognitivos, comuns a todo ser humano, são mobilizados de modos diferentes, dependendo das situações enfrentadas por membros de diferentes grupos sociais. O alfabetismo ou a falta dele surge como traço comum a várias atividades que caracterizam as sociedades ocidentais contemporâneas: a escolarização, a ciência e a tecnologia, a burocracia e a política.

Segundo Kohl (1999)²⁸, há três níveis de competência para a alfabetização:

Nível básico de competência: altamente condicionado pelas características do ambiente e disseminado entre os membros da comunidade: qualquer pessoa sabe como ir de casa ao trabalho, como preparar algum tipo de alimento ou como lidar com dinheiro, por exemplo;

Nível intermediário de competência: não é generalizado e que caracteriza alguns indivíduos como mais capazes que outros; esses indivíduos são cruciais para a vida da comunidade, e podem ter algumas vantagens no decorrer de suas vidas por serem capazes de lidar melhor com os recursos disponíveis no ambiente;

Nível mais elevado de competência: alguns indivíduos chave na comunidade, que foram denominados de “focos de competência”, por concentrarem a maior parte das habilidades necessárias à solução dos problemas enfrentados pelos membros da comunidade em geral, dominando quantidade de “informações úteis” (como encontrar um advogado ou um médico, onde é o hospital mais próximo, como fazer para adotar uma criança, por exemplo), conhecia a cidade muito bem e dominava o sistema burocrático (como tirar documentos, preencher formulários). Um destes “focos de competência” era um aluno do curso de adultos. Era um excelente aluno e liderava o grupo na maior parte das atividades desenvolvidas em sala de aula. Também tocava violão, sabia coordenar jogos de salão, escreveu peças de teatro, compôs músicas e criou roteiros de shows para os alunos apresentarem. Os demais alunos contavam com ele para tudo.

O analfabetismo funcional, baixo-letramento ou semi-analfabetismo, é utilizado para designar a condição de pessoas ou grupos que sabem ler e escrever, no sentido de identificar e desenhar palavras no papel, mas não sabem também, interpretar um enunciado e expressar-se na sua própria língua, utilizando-se da leitura e da escrita, incorporando as em seu viver, como elemento transformador de sua condição pessoal, dentro do âmbito cultural, social e de trabalho. CRUZ (2004, p. 3)²⁹.

²⁷ CRUZ, Ana Cristina dos Reis. **O Analfabetismo Funcional**. Artigo Científico. UFMG, 2004

²⁸ OLIVEIRA, Marta Kohl de. Ensaio: **Jovens e Adultos como sujeitos de conhecimento e aprendizagem**. Caxambu: ANPed, setembro de 1999 .

²⁹ Cit. Ant.

GUIDI (2004)³⁰ aborda, muito bem, este aspecto. Sabemos que, para escrever, é preciso ler. Poderíamos dizer que quem não lê, não escreve. Agora dizer que quem lê muito escreve bem já é uma outra questão. É claro que a leitura em permanência, essa constância da leitura vai tornando esse leitor alguém muito mais perspicaz para ter a avaliação de toda tipologia de textos, de verificar como se produzem esses textos. Então, provavelmente, essa pessoa terá na sua bagagem condições de vir a escrever melhor. Também o fato de você estar em contato permanente com a imagem do texto escrito evita uma série de problemas que são aqueles de que se queixam todos: erros de ortografia e falta de habilidade para construir orações. Mas isso não é uma regra, é claro que não. Agora, é preciso dizer que a leitura é uma aprendizagem específica e a escrita também. Elas têm naturezas diferentes, mas são indissociáveis, leitura e escrita. Então, ler bem possibilita alguém vir a escrever bem, mas não é uma regra absoluta nesse sentido.

Sabe-se que uma das funções da escola é habilitar para uma boa leitura, seja de um bilhete ou de um romance. Mas o que se vê hoje é que muitas crianças não entendem o que lêem, apenas decoram. E isto incide também sobre a sua dificuldade de escrever. CRUZ (2004, P. 8)³¹.

3.1- A INSTITUIÇÃO EDUCACIONAL E O PROFESSOR NO PROCESSO DE LEITURA

Educação, saúde, cultura e segurança são carros-chefes das campanhas políticas. O país ainda se debate contra o analfabetismo mas avança. As taxas de alfabetização e escolarização cresceram vertiginosamente, mas isto não implicou num correspondente apego ao livro, à leitura e à escrita. E aí surge o nosso grande problema: uma alfabetização que não funciona, que não liberta a pessoa, que não lhe dá asas para voar. CRUZ (2004, p.12)³²

Antes, a qualidade do ensino brasileiro era inegável, comparada com a atual, a dificuldade era o acesso à escola, arrumar vagas para as crianças e adolescentes, principalmente, os derivados das camadas mais pobres da população. Agora, parece que o quadro se inverteu, há escola de fácil acesso e vagas para todos, mas a qualidade do ensino caiu. Um diploma de antes era signo de acreditação de conhecimento, a apresentação de um diploma, não dispensa uma avaliação de conhecimento prévio específico.

Desde a década de 70, quando se inicia a deterioração do ensino brasileiro público, o ensino da leitura e da escrita é deficitário, sem que soluções tenham sido devidamente encontradas. Isto quer dizer que, quando da entrada nas exigências do mundo da escrita, o brasileiro encontra dificuldades em conduzir, com autonomia, práticas específicas. SILVA (2001)³³

A democratização do processo ensino-aprendizagem, observada nas escolas a partir da década de 70, é positiva se considerarmos a maior liberdade de ação dos vários grupos que formam o contexto escolar. Antes este processo era totalmente arbitrário. Porém, havia fatores positivos, na forma das escolas ensinarem, anterior a esta abertura: a valorização da figura do professor como educador, da escola como

³⁰ GUIDI, Gisela. Entrevista: **É preciso ser apaixonado**. Leopoldina, 8 de março de 2004. Disponível: (URL: <http://genesis.unisantos.com.br/leopoldianum/revista.php>)

³¹ CRUZ, Ana Cristina dos Reis. **O Analfabetismo Funcional**. Artigo Científico. UFMG, 2004

³² Cit. Ant.

³³ SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Letramento Manco**. Faculdade de Educação. Campinas: Unicamp, 2001.

instituição e o trabalho com a leitura que tinha lugar de destaque na escola. Pode-se até argumentar quanto a forma com que isto era feito, mas é fato que não se escutava falar em analfabeto funcional. Quem estudou, há mais de 30 anos atrás, até a 8ª série do primeiro grau - como se falava, apresenta hoje um preparo que não se vê nos alunos que concluem o 2º grau e chegam à faculdade. Na dúvida, é só prestar atenção aos pais e avós que fizeram parte deste processo. Houve avanço no ensino? Sem dúvida. Houve retrocesso? Parece que também aconteceu. A experiência mostra que o novo não deve descartar tudo o que há no velho. Falar assim, parece clichê, mas se aplica. Não dá para ser tão criativo, em se tratando de educação, como no universo, onde *nada se cria, mas se recria*. O mais sensato é trazer inovações que atacam pontos críticos de um sistema, conservando o que dá certo. CRUZ (2004, p. 15)³⁴.

Segundo Cruz (2004, p.12)³⁵, quando os resultados insatisfatórios chegam ao conhecimento público, vem sempre um novo projeto, um investimento aqui e ali, para tapar buracos, onde já se abrem cavernas. Tudo sem continuidade. Assim, os políticos, numa política paternalista, procuram limitar a sua prática a grupos sociais tidos como marginais e acabam por aparentar funcionar como autêntico pronto socorro social, criando assim um vínculo com seu eleitorado, pessoas que não enxergam estar sendo tratados como cidadãos de segunda classe, pertencentes a segmentos mais vulneráveis da população de que deles se beneficia. De vez em quando ganham uma caneta, um caderno e está tudo bem.

Vejamos ainda o depoimento de Lugarinho (2002)³⁶, certa vez, quando ainda me encontrava lecionando Língua Portuguesa no antigo 2º grau, um colega, professor de Física, procurou-me para solicitar uma ajuda em uma situação embaraçosa. Queria ele que os alunos realizassem uma experiência colocando um objeto em movimento, de acordo com a descrição da trajetória do objeto por ele descrita. Segundo o colega, não havia jeito dos alunos conseguirem entender como colocar em prática o que a descrição determinava. Não consegui ajudá-lo naquele momento, mas, mais tarde, pude refletir e verificar que aqueles alunos eram os mesmos que eram incapazes de comporem uma redação legível, com coerência e coesão, que estes mesmos alunos não eram incentivados a compreenderem que uma narrativa simples contém uma ação que abre uma sequência de ações, outra que sustenta a sequência de ações e mais uma que encerra a mesma sequência de ações. Eram incapazes de compreenderem a estrutura de uma narrativa, simplesmente porque não liam histórias, quaisquer histórias... e estavam numa escola que se dizia "privilegiar" o ensino da Língua!

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN, derivados da Lei de Diretrizes e Bases – LDB, que as escolas devem contemplar e realizar atividades para os satisfazer, a

³⁴ CRUZ, Ana Cristina dos Reis. **O Analfabetismo Funcional**. Artigo Científico. UFMG, 2004

³⁵ Cit. Ant.

³⁶ LUGARINHO, Mário C. **Como não comentar?** In fórum Desvantagem Educacional, Site Leia Brasil. Disponível: (URL: http://www.leiabrasil.org.br/leia_e_comente/comentarios/desvantagemeducacional_c.htm)

aptidão para ler e produzir textos – dos mais variados gêneros e temas – com proficiência é o mais significativo indicador de um bom desempenho linguístico e, conseqüentemente, de um bom letramento manifestado: oral ou escrito, mostra de um bom trabalho no processo ensino-aprendizagem de uma escola.

LOPES JÚNIOR (2002)³⁷ desabafa:

Nesta 2ª feira, dia 15 de outubro, milhares de escolas em todo o país estarão comemorando o Dia do Professor. (...) Apesar de fálidos e mal pagos, maltratados mesmo, destrutados até, muitos/as professores/as vêm se empenhando em viciar seus alunos em Leitura. Aos poucos, inoculam nas crianças e adolescentes noções de cidadania, ecologia, história, tradição, valores, conhecimento e, melhor, estimulam à reflexão pessoal, abrindo, assim, caminhos para que tenhamos cidadãos mais capazes de escolher seus próprios destinos, mas são heróis isolados.

Pffeifer (2001)³⁸ faz uma crítica coerente sobre a fala demagógica, feita em cima do problema do baixo nível de alfabetização do brasileiro: Práticas discursivas que produzem um deslize de sentidos na referência ao problema do analfabetismo enunciado. O problema passa a ser o novo sujeito referido como analfabeto. O analfabetismo acarreta males ao país, seus habitantes, os índices evidenciam a precariedade do grau de instrução (não é o país que possui baixo índice de alfabetização, são os habitantes que não possuem instrução). O estado de estar semi-analfabeto - , reduzindo o processo ao sujeito mal alfabetizado, cristalizando no imaginário de todos o problema do semi-analfabeto: sua existência. Jamais se poderia colocar no sujeito qualificado como semi-analfabeto a responsabilidade de seu estado-ser-existência. Como vemos o problema não é das intencionalidades, mas do trabalho ideológico de sentidos dominantes na formação social em que nos inserimos.

Quando se considera uma determinada instituição social no contexto de uma certa sociedade, como a escola na complexa sociedade contemporânea, a reflexão tem que se referir tanto à possibilidade de múltiplas trajetórias para diferentes indivíduos e grupos como às especificidades culturais em jogo, que definem a finalidade de tal instituição. A intervenção educativa teria que atuar sobre indivíduos necessariamente diversos, no sentido de lhes dar acesso àquela modalidade particular de relação entre sujeito e objeto de conhecimento que é própria da escola, promovendo transformações específicas no seu percurso de desenvolvimento. Oliveira (1997)³⁹

³⁷ LOPES JÚNIOR, Diorino. Resenha: **Professores e Novos Leitores**. Disponível no site Ao mestre com carinho: (URL: www.aomestrecomcarinho.com.br/liv/txt13.htm).

³⁸ PFEIFFER, Cláudia Castellanos. Artigo: **Cidade, Língua, Escola e a violência dos sentidos**. II Jornada Internacional História das Idéias Lingüísticas realizada em 12/07/2001. Disponível: (URL: <http://www.comciencia.br/reportagens/cidades/cid23.htm>)

³⁹ OLIVEIRA, Marta Kohl de. **Sobre diferenças individuais e diferenças culturais: o lugar da abordagem histórico-cultural**. In AQUINO, J. G. (org.) Erro e fracasso na escola: alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 1997

Segundo Cruz (2004, p.12)⁴⁰, ao contrário do que supõe o senso comum no país, a indigência de leitura e o tédio em escrever é mais do que um problema de ordem educacional ou cultural. É mais uma dimensão da exclusão social, da não participação, da perda de capacidade de intervenção social manifestadas na leitura e na escrita.

SOUZA (2002)⁴¹, alerta sobre a responsabilidade da escola e dos professores, no processo de aquisição da leitura. “Os programas foram desenhados para que os alunos aprendam a ler, não são programas impossíveis de serem ensinados e de serem absorvidos pelos alunos. Se isso está acontecendo, temos que buscar dentro da escola a correção dos rumos.”

Segundo Cruz (2004, p. 14)⁴², o ensino da leitura não pode ficar preso apenas ao uso da cartilha (Ensino Fundamental I) ou livro didático adotado pela escola (Ensino Fundamental II). Não se pode fechar os olhos a outras formas de leitura que vêm se incorporando na cultura brasileira. É interessante trabalhar também com o material da variante. Não se tem prestado bastante atenção na literatura incorporada nas letras de funk, no pagode, nas histórias em quadrinhos, nos e-mails, chats e e-books da internet, nas placas informativas, nos jornais de bairro, nas revistas, nos proclamas da igreja, nos quadros de recados da escola..., e, ainda, nas possibilidades de leitura do que se visualiza no videogame, na televisão, no cinema, no teatro, na internet ...

A alfabetização, no entanto, não pode ser concebida unicamente como produto da escolarização, na medida em que a tecnologia vai atingido cada vez mais esferas da vida das sociedade modernas, sendo também um veículo de informação e formação'. (...) Poder-se-ia perguntar aonde as práticas leitoras, implementadas na escola ou nos espaços culturais, estarão levando os leitores que se pretende formar. CRUZ (2004, p. 15)⁴³

Parafraseando Cruz (2004, p.18)⁴⁴, a alfabetização funcional só virá como parte das práticas educativas [relativas ao ensino da leitura e escrita], da valorização social e política das figuras da escola e do professor. Não há dúvidas que ainda existem escolas públicas, consideradas modelos, que ainda sobrevivem graças ao esforço heroico de bons educadores [que ainda não a abandonaram], parcerias com o setor privado, gincanas, doações de estudantes e familiares [já que não se podem cobrar taxas], e, até de professores que compram material com parte de seu ‘salário’. São estas escolas [que fazem parte de um percentual mínimo] que surgem na mostra publicitária, em canais de TV, rádio e jornal, como prova da

⁴⁰ CRUZ, Ana Cristina dos Reis. O Analfabetismo Funcional. Artigo Científico. UFMG, 2004

⁴¹ SOUZA, Paulo Renato de. **Ministro analisa resultados do SAEB**. Brasília: Rede Mec, 06/12/2002.

⁴² Cit. Ant.

⁴³ Cit. Ant.

⁴⁴ Cit. Ant.

competência do executivo público em administrar o setor educativo na federação, num estado ou num município brasileiro. Só se esquece de mencionar que estas escolas são exceções e raras exceções.

Uma pesquisa nacional, feita pelo Instituto Ação Educativa/Ibope, com pessoas de 15 a 64 anos publicada pela UNICAMP (2003)⁴⁵, revela que apenas 25% dos brasileiros têm *habilidades mais refinadas de leitura*, como dizem os educadores, para ler um texto e compreendê-lo. A pesquisa revela outro componente não menos dramático da realidade brasileira: apenas 17% da população tem acesso ao mundo digital, os índices de analfabetismo absoluto (de quem não teve acesso à escola, não sabendo ler nem escrever) e de alfabetismo funcional (não sabendo interpretar textos e expressar-se por escrito) correspondem, respectivamente, a 9% e 25%, o que corresponde a ¼ da população brasileira, ou seja, uma em cada quatro pessoas.

O compromisso pela busca da chamada alfabetização funcional serviu para a reflexão e mudança de postura. Nunca se falou tanto em incentivo à leitura. A própria população se conscientiza que precisa aprender a dominar textos, como degrau para conhecimento e domínio da sua parcela de mundo. Surgem muitos projetos envolvendo a leitura – na busca de uma formação melhor e mais abrangente de leitores.

⁴⁵ UNICAMP. **Leitura: educadores e escritores avaliam inclusão do livro**. Publicação Institucional. Campinas, Jornal da Unicamp, ed. 222, agosto de 2003.

CAPÍTULO IV – PROJETOS NACIONAIS DE INCENTIVO A LEITURA

O intercambio das iniciativas Ministério da Cultura⁴⁶ com o Ministério da Educação, antes Ministério da Educação e Cultura, continua, são parceiros e não raras vezes os objetivos se cruzam, continuam ministérios irmãos.

4.1- MINISTERIO DA CULTURA

A ministra da Cultura, Ana de Hollanda, anunciou, no auditório Guimarães Rosa (térreo do MinC), em Brasília, os investimentos no Plano Nacional do Livro e Leitura - PNLL a serem realizados durante este ano. Esta exposição traz um importante simbolismo: também na segunda-feira se comemora o Dia Mundial do Livro e dos Direitos do Autor.

As ações do PNLL são coordenadas pela Fundação Biblioteca Nacional. Para tanto, o presidente da FBN, Galeno Amorim, estará ao lado da Ministra para esmiuçar o planejamento de 2012. A seguir, as principais das 40 (quarenta) iniciativas mais recentes e continuadas fomentadas pelo Ministério da Educação e Ministério da Cultura, através do Plano Nacional do Livro e Leitura – PNLL:

4.1.1 - Sempre Um Papo, Cultura para a Educação. Com o apoio do MinC, projeto une cultura, educação e responsabilidade social. A Associação Cultural Sempre Um Papo lança mais um projeto de estímulo ao hábito da leitura, no dia 12-11-2012, em Belo Horizonte. Trata-se da série de DVDs Cultura Para a Educação IV que nesta edição tem a literatura como eixo temático dos vídeos. O trabalho é resultado da seleção de 15 encontros com escritores brasileiros, entre os anos de 2011 e 2012. São mil caixas com cinco DVDs cada com o melhor dos encontros realizados. A Secretaria de Educação de Minas Gerais coordenará a distribuição gratuita das caixas para 600 escolas da rede pública.

4.1.2 - Prêmio Viva Leitura. São R\$ 540 mil em prêmios oferecidos a iniciativas comprometidas com o incentivo à leitura no País: instituições públicas, privadas, comunitárias

⁴⁶ MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Apoio ao Livro e a Leitura**. Disponível em Url: <http://www.cultura.gov.br/site/categoria/politicas/livro-e-leitura> Acessado em novembro de 2012

e pessoas físicas maiores de 18 anos podem participar. A cerimônia de premiação ocorre em dezembro. Criado em 2006, e com abrangência nacional, o prêmio faz parte do Plano Nacional do Livro e Leitura (PNLL) e tem como objetivo estimular, fomentar e reconhecer as melhores experiências brasileiras relacionadas à prática da leitura e de seu papel na conquista da cidadania plena. Em 2012, serão contemplados 18 projetos, seis em cada categoria, que receberão troféu e o prêmio de R\$ 30 mil cada um. As três categorias existentes são:

- *Bibliotecas públicas, privadas e comunitárias*, experiências desenvolvidas nas bibliotecas de acesso público;

- *Escolas públicas e privadas*, experiências realizadas nas escolas, em toda a escola, de apenas uma sala de aula, de uma série, ou da biblioteca escolar, cujos responsáveis sejam professores, diretores, bibliotecários ou coordenadores;

- *Sociedade – ONGs, pessoas físicas e instituições sociais*, experiências formais ou informais por profissionais ou voluntários vinculados às ONGs. Poderão se inscrever empresas públicas ou privadas e instituições de ensino superior, públicas ou privadas, que poderão receber a Menção Honrosa José Mindlin, para projetos ou programas de apoio, promoção, formação ou patrocínio voltados para a promoção da leitura.

4.1.3 - **Leia Mais, Seja Mais** – Na rubrica Valorização Institucional à Leitura, o PNLL destinou R\$8 milhões para a campanha ‘Leia Mais, Seja Mais’, mas são 40 projetos. A primeira parte da campanha, lançada em dezembro de 2011, foi veiculada por meio de 74 jornais e 4 revistas. Agora, a segunda etapa será voltada para dez emissoras públicas e privadas de TV, quatro redes de emissoras de rádio, dez portais e sites da internet. A campanha se destina, principalmente, a homens e mulheres na faixa de 18 a 49 anos, nas classes C, D e E. Eles representam cerca de 38% da população brasileira. O objetivo é promover o prazer da leitura, o conhecimento, a inclusão social e a afirmação da cidadania.

“Um país rico é um país de leitores”. A frase da ministra da Cultura, Ana de Hollanda, inspirada no slogan do governo federal, “País rico é um país sem miséria”, sintetiza o espírito da campanha ‘Leia Mais, Seja Mais’, realizada pelo Ministério da Cultura - MinC e a Fundação Biblioteca Nacional - FBN. A ministra destacou que um dos objetivos da campanha é estimular o prazer da leitura. “Temos o direito de sonhar junto com os poetas e os romancistas”, disse ela, lembrando um texto do escritor Antônio Cândido sobre o direito à leitura.

A ministra da cultura, Ana de Hollanda, reconheceu que os direitos básicos do cidadão não se limitam à alimentação, saúde e moradia. Para ela, o cidadão só será um ser humano completo e autônomo se exercer seu direito à leitura. A campanha ‘Leia Mais, Seja Mais’ é

um dos destaques das 40 ações do Plano Nacional do Livro e Leitura (PNLL) previstas para este ano, com orçamento total de R\$ 373 milhões.

4.1.4 - Suporte ao Acervo de Bibliotecas - Para 2012, o PNLL destinará R\$ 254,6 milhões a ações de democratização do acesso à leitura, beneficiando duas mil bibliotecas em todo o país. Esta rubrica inclui também a construção de 400 novas bibliotecas, entre elas as programadas nas obras das Praças dos Esportes e da Cultura - PEC.

4.1.5 - Formação de Mediadores de Leitura - O plano prevê também R\$ 56,1 milhões para as ações de fomento à leitura e formação de mediadores de leitura. Está prevista a formação de 4 mil agentes de leitura. Isto inclui os contadores de história.

4.1.6 - Fomento a Produção de Livros - O fomento à cadeia criativa e produtiva do livro deve receber R\$ 54,9 milhões. Em 2012, o PNLL ajuda na promoção da realização de 200 feiras e festivais do livro em todo o país, o que representa um crescimento de cerca de 170% em relação ao ano passado, quando foram realizados 75 eventos. Haverá também ações de apoio a livreiros independentes.

4.1.7 – Prêmio Mais Cultura de Literatura de Cordel - O Ministério da Cultura que todo ano, em dezembro, premia a literatura de cordel através do Mais Cultura, teve sua última iniciativa no Edital de 2010 – *Edição Patativa de Assaré* para que o MinC recebeu 688 inscrições. Deste total, 617 foram habilitadas, sendo que 449 receberam a pontuação mínima exigida e, mas, mesmo assim foram classificadas.

“A premiação valoriza a cultura do cordel como patrimônio imaterial do país”, afirma o diretor de Livro, Leitura e Literatura do MinC, Fabiano dos Santos Piúba.

A Categoria Criação e Produção teve classificados 120 projetos de apoio à edição e reedição de folhetos de cordel – apenas 80 serão selecionados – e outros 89 para livros, CDs e DVDs – sendo que os 20 primeiros serão selecionados.

A Categoria Pesquisa (dissertações de mestrado, teses de doutorado ou reedição de livros) – foram classificadas 12 propostas, sendo que apenas 10 serão premiadas, conforme o edital.

A Terceira Categoria Formação – foram classificadas 20 iniciativas já existentes e outras 60 novas iniciativas. Esta categoria prevê o apoio a 50 projetos em Difusão (eventos e produtos culturais que contribuam para a valorização e propagação da cultura popular, como feiras, mostras, festivais e outras iniciativas) foram classificadas 63 iniciativas existentes e 85 novas. Serão premiados 30 projetos nesta categoria.

4.1.8 – Livros Caderno do PNLL e PNLL – Textos e História - O Plano Nacional do Livro e Leitura (PNLL) lançou uma versão atualizada e revista do Caderno PNLL – que

contém as diretrizes do plano, instituído em 2006 pelos ministérios da Cultura e Educação. O evento ocorreu na Biblioteca Mário de Andrade, em São Paulo. Na mesma ocasião será apresentado o livro “PNLL – Textos e História”, que traz documentos produzidos, na área de livro e leitura, durante a vigência do plano, bem como artigos de especialistas do setor.

Em 2012, durante a Pré-Conferência Setorial do Livro, Leitura e Literatura, os representantes do setor avaliaram o plano e sugeriram algumas alterações no texto que traz as diretrizes da política para o setor. Além dos dois livros, o PNLL está lançando também seu novo portal (www.pnll.gov.br). O novo site traz as estatísticas do setor e uma plataforma mais fácil para o manuseio do usuário que pretende se cadastrar no Mapa de Ações.

4.1.9 – Pontos de Leitura – O Ministério da Cultura a partir de 15 de dezembro de 2010, trabalhou para a ampliação do projeto Pontos de Leitura nas Fábricas. Essa iniciativa começou em São Paulo, para depois se estender a outros estados. Diadema foi pioneira, onde as minibibliotecas foram implantadas, antes de se estender para a Grande ABC, beneficiando mais de 70 mil pessoas na região. Só nessa região, foram 25 novos Pontos de Leitura nas Fábricas, com investimento de R\$ 700 mil, através do Programa Mais Cultura.

Cada Ponto de Leitura é composto por um acervo de 650 obras – exemplares de literatura brasileira, estrangeira, infantil e juvenil, DVD’s, enciclopédias, entre outros – computador, impressora, estantes e pufes. Além de oferecer o acesso direto aos livros, o projeto prevê, ainda, que funcionários das empresas atuem como agentes de leitura, desenvolvendo atividades que estimulem seus colegas a interagir com o livro e o mundo literário. Neste período, as empresas ampliaram os acervos – com doações da comunidade ou compra própria -, a quantidade de computadores e também investiram na assinatura de periódicos. Em algumas unidades, os funcionários solicitaram ainda que o ponto esteja aberto no período noturno. “Ao mesmo tempo em que é um lugar de acesso livre ao livro, o ponto de leitura é também um espaço de formação leitora”, afirma Piúba.

4.1.9 – Leitura nas Prisões – O projeto visa contemplar o público alvo de detentos e agentes penitenciários, iniciou-se em dezembro de 2010, promovendo a capacitação em leitura dentro do projeto “Uma janela para o mundo”, uma parceria dos ministérios da Cultura, Educação, Justiça e Desenvolvimento Agrário, Departamento Penitenciário Nacional - Depen e Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura - Unesco. Além do acervo do Ministério da Cultura, as penitenciárias receberam também obras do Programa de Bibliotecas Rurais “Arca das Letras”, do MDA. Os acervos foram ampliados com doações de familiares dos internos e por instituições parceiras.

4.1.10 – **Encontros, Conferências e Seminários sobre o Livro e a Leitura** – O Programa Nacional do Livro e Leitura tem além das iniciativas, uma série de eventos, desde 2006, promovidos para a reflexão para revisão, extensão, extinção ou berço de suas iniciativas. As bienais recebem incentivo do Programa.

4.1.11 – **Programa Mais Cultura** – Os agentes de leitura do Programa Mais Cultura estão integrados à escola e à biblioteca da comunidade. Em novembro de 2010, começou a primeira turma de formação dos profissionais responsáveis pela capacitação dos jovens que atuarão nos municípios, iniciativa do Ministério da Cultura, por meio da Cátedra Unesco da Leitura. Os agentes são jovens entre 18 e 29 anos que visitam comunidades de baixo Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) e desenvolvem atividades de estímulo à leitura, como contação de história, rodas de leitura, entre outras. Cada agente recebe uma bolsa de R\$ 350 por mês e atua na comunidade, visitando regularmente 25 famílias. O Programa Mais Cultura repassa os recursos aos estados e municípios, assim como a metodologia de seleção e formação dos Agentes de Leitura. Cabe aos estados e municípios a composição da contrapartida financeira e a implantação do projeto em seu território. O projeto é uma das estratégias do Plano Nacional do Livro e Leitura (PNLL) visando a democratização do acesso ao livro e formação leitora.

4.1.12 – **Cursos para Criação de Planos de Leitura** – Os ministérios da Cultura e da Educação, o Plano Nacional do Livro e Leitura (PNLL) e o Instituto Pró-Livro vão capacitar gestores municipais para a criação de planos de livro e leitura. Interessados podem se inscrever para o curso no online do projeto O Livro e a Leitura nos Planos Estaduais e Municipais até a próxima quinta-feira (28 de outubro). O treinamento à distância começou dia 29 de outubro de 2010.

4.2- MINISTERIO DA EDUCAÇÃO

O Ministério da Educação⁴⁷ vem cada vez mais implementando ações e projetos de apoio e incentivo a Leitura. Destes, cita-se:

4.2.1- **Sistema do Material Didático** - Disponível para escolas municipais, estaduais e federais; editoras, secretarias de educação, IPT e usuários internos do FNDE pertencentes à Coordenação do Livro. Suas principais funcionalidades são o controle da inscrição de material didático pelas editoras; o controle da escolha do material didático realizada pelas escolas e a monitoria da escolha do material didático em todo o Brasil.

⁴⁷ Ministério da Educação. Projetos de Alfabetização e Leitura. Disponível em Url: <http://www.fnde.gov.br> Acessado em novembro de 2012

4.2.2- **Programa Brasil Alfabetizado** - O MEC realiza, desde 2003, o Programa Brasil Alfabetizado (PBA), voltado para a alfabetização de jovens, adultos e idosos. O programa é uma porta de acesso à cidadania e o despertar do interesse pela elevação da escolaridade. O Brasil Alfabetizado é desenvolvido em todo o território nacional, com o atendimento prioritário a 1.928 municípios que apresentam taxa de analfabetismo igual ou superior a 25%. Desse total, 90% localizam-se na região Nordeste. Esses municípios recebem apoio técnico na implementação das ações do programa, visando garantir a continuidade dos estudos aos alfabetizandos. Podem aderir ao programa, por meio das resoluções específicas publicadas no Diário Oficial da União, estados, municípios e o Distrito Federal.

4.2.3- **Plano de Ações Articuladas** - A partir da edição da Lei Ordinária nº 12.695/2012, a União, por meio do Ministério da Educação, está autorizada a transferir recursos aos estados, aos municípios e ao Distrito Federal, com a finalidade de prestar apoio financeiro à execução das ações do Plano de Ações Articuladas (PAR), sem a necessidade de firmar convênio, ajuste, acordo ou contrato. O Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE) passa a utilizar o termo de compromisso para executar a transferência direta, prevista na referida lei, para a implementação das ações tais como: Gestão Educacional; Formação de Profissionais de Educação; Práticas Pedagógicas e Avaliação; e, Infraestrutura e Recursos Pedagógicos.

Em atenção à Lei nº 11.578, de 26 de novembro de 2007, o FNDE compromete-se a apoiar as ações relativas ao PAC 2 – Educação, especificamente para as ações abaixo descritas: Proinfância – construção de unidades de educação infantil; Construção de quadras escolares; e, Cobertura de quadras escolares – que continuam.

O Plano de Desenvolvimento da Educação (PDE) condicionou o apoio técnico e financeiro do Ministério da Educação à assinatura, pelos estados, Distrito Federal e municípios, do plano de metas Compromisso Todos pela Educação. Depois da adesão ao Compromisso, os entes federativos devem elaborar o Plano de Ações Articuladas (PAR). Todos os 5.563 municípios, os 26 estados e o Distrito Federal aderiram ao Compromisso.

4.2.4- **Programa Nacional do Livro Didático** - PNLD – Visa prover as escolas públicas de ensino fundamental e médio com livros didáticos, dicionários e obras complementares de qualidade. O programa também atende alunos da educação de jovens e adultos das redes públicas de ensino e das entidades parceiras do Programa Brasil Alfabetizado.

4.2.5- **Programa Nacional do Livro Didático** - PNBE – O Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE) busca fomentar a leitura e democratizar o acesso às fontes de informação, além de atuar no desenvolvimento profissional do professor. Para isso, distribui às escolas públicas acervos compostos por obras de literatura, de referência, de pesquisa e de outros materiais relativos ao currículo da educação básica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante muito tempo se acreditou e se identificou leitura como sendo um processo apenas de decifração. A problemática da atual prática educacional, observada no surgimento do *analfabetismo funcional* nos mostra muito bem que decifrar é apenas dominar um código, o que não significa conseguir dar sentido ao que se lê e que se consiga incorporar aprendizagem com esta leitura, ou seja, incorporação de conhecimentos prévios necessários para um melhor conhecimento de mundo e a melhoria da expressão pessoal, quer oral, quer escrita, do indivíduo. CRUZ (2004, p.18)

As atividades de letramento (através da leitura e da escrita) nas escolas estão longe ainda de serem resolvidas. A escola pública fez parte deste processo e ainda sofre com ele. O desenvolvimento também traz novas leituras e escritas. Os professores não devem fechar os olhos para esta realidade. O conhecimento sobre práticas de leitura e escrita não escolares, a análise das diferentes habilidades nelas envolvidas e de suas interfaces com outras linguagens é essencial para orientar o trabalho escolar. Acredita-se que interagir com estas novas leituras contribuirá, de modo positivo, para a que a escola, como um todo, possa cumprir mais adequadamente sua missão de ser a principal agência de alfabetismo em nossa sociedade.

A partir do conteúdo levantado e das experiências vividas pesquisadas sobre a leitura na sala de aula, pode-se perceber que ela está presente em todas as dimensões da existência do ser humano e, especialmente, no cotidiano escolar. Os resultados da pesquisa de campo mostraram que a professora está se apropriando de novas estratégias que despertem em seus alunos o gosto pela leitura, o que foi ressaltado como necessário pelos mesmos para tornar as aulas mais interessantes e dinâmicas.

A leitura deve ser vista como instrumento de prazer e pode ser renovada a cada aula, a cada dia, cabendo ao professor estar atualizado e buscando novos caminhos, pois o conhecimento não é algo estático, pronto e acabado, está sempre em movimento e constantes mudanças em todas as áreas.

Espera-se que essa pesquisa sirva para reflexão e que os professores promovam mudanças para encontrar caminhos que os auxiliem na proposta de fazer um aluno leitor que compreenda e entenda aquilo que lê. Percebe-se que se inicia uma nova era para a prática da leitura. A busca da chamada alfabetização funcional serviu para a sociedade se conscientizar e mudar de postura, a partir da triste realidade: sabemos ler sonoramente e escrever as palavras desenhadas no papel ou nas telas de computadores, mas, ainda assim, muitos de nós somos considerados analfabetos. Nunca se falou tanto em incentivo à leitura e a urgência cresce dentro da própria população, consciente que precisa aprender a dominar textos, como surgem

em cascata ações afirmativas e projetos envolvendo a leitura - oficiais ou não oficiais, de abrangência nacional ou regional. Percebe-se que não há dificuldade na implantação de projetos, mas dar-lhes seqüência, de modo que um educador ou entidade educativa continuem os trabalhos iniciados nesse sentido e viabilizem uma formação melhor de leitores, para o estudante, para o seu professor e através da difusão da comunidade, para a sociedade em geral.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALENCAR, Jaqueline da Silva; ALMEIDA, Maria Rosa de; ARAÚJO, Joelma Melo de. **Incentivo, aperfeiçoamento e desenvolvimento da leitura: relatos e vivências da articulação conexões-abertas**. Disponível: <[http://www.ie.ufmt.br/semiedu2009/gts/gt16/Comunicacao Oral/JAQUELINE%20DA%20SILVA%20ALENCAR.pdf](http://www.ie.ufmt.br/semiedu2009/gts/gt16/Comunicacao%20Oral/JAQUELINE%20DA%20SILVA%20ALENCAR.pdf)>. Acesso em 08/05/2012.

ALVES, Rubem. **Entre a Ciência e a Sapiência – O dilema da educação**. São Paulo: Edições Loyola, 2000.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 10.520: Citações em documentos**. Rio de Janeiro: ABNT, 2002.

_____. **NBR 14.724: Apresentação de Trabalhos Acadêmicos**. 2. ed. Rio de Janeiro: ABNT, 2011.

CRAMER, Eugene H.; CASTLE, Marritta. **Incentivando o amor pela leitura**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

CRUZ, Ana Cristina dos Reis. **O Analfabetismo Funcional**. Artigo Científico. UFMG, 2004

FRANÇA, Júnisa Lessa et al. **Manual para normalização de publicações técnico-científicas**. 8ª edição. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2007. 255 p.

KLEIMAN, Ângela. **Oficina de leitura: teoria e prática**. Campinas, SP: Pontes: Editora da UNICAMP, 1998.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Maria de Andrade. **Metodologia do Trabalho Científico**. São Paulo: Atlas, 1996.

LOPES JÚNIOR, Diorino. Resenha: **Professores e Novos Leitores**. Disponível no site Ao mestre, com carinho: (URL: www.aomestrecomcarinho.com.br/liv/txt13.htm).

LUGARINHO, Mário C. **Como não comentar?** In fórum Desvantagem Educacional no site Leia Brasil. Disponível em URL: (http://www.leiabrasil.org.br/leia_e_comente/comentarios/desvantagemeducacional_c.htm)

MANUEL, Nilton. Palestra: **Os dias brasileiros do poeta e do livro**. Publicação Institucional. Casa do Poeta e do Escritor. Ribeirão Preto, 25 de outubro de 2003.

MATOS, Izabel Cristina Ferreira dos Santos. **Lendo por Prazer**. Monografia apresentada, para obtenção do título de graduação em Pedagogia à Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC. Ilhéus-Bahia: 2007.

MINISTÉRIO DA CULTURA. **Projetos de Alfabetização e Leitura**. Disponível em Url: <http://www.fnde.gov.br> Acessado em novembro de 2012

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Apoio ao Livro e a Leitura**. Disponível em Url: <http://www.cultura.gov.br/site/categoria/politicas/livro-e-leitura> Acessado em novembro de 2012

MORAIS, José. **A arte de ler**. Tradução Álvaro Lorencini. São Paulo: Universidade Estadual Paulista, 1996.

OLIVEIRA, Marta Kohl de. **Ensaio: Jovens e Adultos como sujeitos de conhecimento e aprendizagem**. Caxambu: ANPed, setembro de 1999 .

_____. **Sobre diferenças individuais e diferenças culturais: o lugar da abordagem histórico-cultural**. In AQUINO, J. G. (org.) Erro e fracasso na escola: alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 1997

PERINI, Luciene. **Poetizar: uma prática inovadora no incentivo à leitura e à escrita**. Disponível em <http://www.alb.com.br/arquivo-morto/edicoes_anteriores/anais14/Sem03/C03028.doc>. Acesso em 02/05/2012.

PFEIFFER, Cláudia Castellanos. Artigo: **Cidade, Língua, Escola e a violência dos sentidos**. II Jornada Internacional História das Idéias Lingüísticas realizada em 12/07/2001. Disponível: (URL: <http://www.comciencia.br/reportagens/cidades/cid23.htm>)

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Letramento Manco**. Faculdade de Educação. Campinas: Unicamp, 2001.

SOARES, Elisabete Rodrigues Nascimento. **Práticas de incentivo ao hábito de leitura**. Disponível em <<http://www.webartigos.com/articles/54871/1/Praticas-de-incentivo-ao-Habito-da-Leitura/pagina1.html.com>>. Acesso em 02/05/2012.

SOARES, Magda (1). **Leitura – perspectivas interdisciplinares**. São Paulo: Ática, 1988.

SOARES, Magda (2). **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo horizonte: Autêntica, 1998.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

SOUZA, Paulo Renato de. **Ministro analisa resultados do SAEB**. Brasília: Rede Mec, 06/12/2002.

SOUZA, Luciana Virgínia Amorim de. **Leitura no ambiente escolar: do incentivo à prática**. In: Colóquio Internacional Educação e Contemporaneidade, 4, 2010, Laranjeiras. Disponível em <http://www.educonufs.com.br/ivcoloquio/eixo_10/E10-12a.pdf.pdf>. Acesso em 02/05/2012.

UNICAMP. **Leitura: educadores e escritores avaliam inclusão do livro**. Publicação Institucional. Campinas, Jornal da Unicamp, ed. 222, agosto de 2003.

VILLARDI, Raquel. **Ensinar a gostar de ler: discutindo estratégias na formação do leitor**. Disponível em: <<http://www2.uerj.br/~leitura/artigos.htm>>. Acessado em 02/05/2012.

ANEXOS

ANEXO I – ROTEIRO DE QUESTÕES PARA A REALIZAÇÃO DA ENTREVISTA COM PROFESSOR(A) DA SÉRIE OBSERVADA

1) Para você, o que é ser um bom leitor?

.....
.....

2) Você se considera um bom leitor? Por quê?

.....
.....

3) Qual o seu gênero de leitura preferido?

.....

4) O que é necessário para um aluno ser um bom leitor? Por quê?

.....
.....

5) Como você define a melhor forma do aluno entrar em contato com a leitura?

.....
.....

6) A escola oferece oportunidade de familiarização da criança com os livros?

.....
.....

7) De que maneira você trabalha a leitura dentro do contexto escolar? Em que momentos você considera esse trabalho oportuno?

.....
.....

8) Quantas vezes por semana você trabalha com literatura? Por quê?

.....
.....

9) Qual é a forma mais frequente de você cobrar a leitura do livro pelo aluno?

.....
.....

ANEXO II – ROTEIRO DE QUESTÕES PARA A REALIZAÇÃO DA ENTREVISTA
COM OS(AS) ALUNOS(AS) DA SÉRIE OBSERVADA

1) Você gosta de ler?

.....

2) Você considera importante saber ler? Por quê?

.....

3) Em que locais você costuma ler?

.....

4) Quando você escolhe um livro, escolhe por que?

.....

5) Há livros em sua casa? De que tipo?

.....

6) Qual a escolaridade de seus pais? Eles têm o hábito de ler?

.....

7) Você comenta com alguém sobre os livros que lê? Com quem?

.....

8) Na escola que tipos de livros você lê? Onde é praticada essa leitura?

.....

9) Você leva livros da escola para ler em casa? Quando leva é porque você quer ou a professora manda?

.....

10) Quando sua turma lê um livro que tipo de atividades vocês fazem depois? Você gosta dessas atividades ou preferiria fazer outra coisa?

.....

11) Ler os textos do livro de Português e outros trazidos pelo(a) professor(a) são difíceis ou você tem facilidade de entendê-los e responder às questões propostas?

.....

Viajar pela leitura

Viajar pela leitura
sem rumo, sem intenção
Só para viver aventura
que é ter um livro nas mãos.
É uma pena que só saiba disso
quem gosta de ler.
Experimente!
Assim sem compromisso
você vai me entender.
Mergulhe de cabeça
na imaginação.
(Clarice Pacheco)